

**OCTONISMO PRESENTE NO MITO DE CADMO: A QUESTÃO
DA AUTOCTONIA NA GRÉCIA ANTIGA**

***CHTHONISM IN THE MYTH OF CADMUS: THE QUESTION OF
AUTOCHTHONY IN ANCIENT GREECE***

Leandro Mendonça Barbosa*

RESUMO

Com este artigo se pretende relacionar a questão da autoctonia (cara aos Gregos) com seu imaginário religioso. Para tanto foi elencando uma narrativa mítica em particular: a viagem do herói Cadmo, que chega ao solo da Península Balcânica e ali funda uma cidade: Tebas. Para auxiliar na fundação, Cadmo semeia na terra seres autóctones, fundando também a genealogia tebana. Com este mito, intencionamos compreender de que forma o ctonismo e a relação com o solo se fundem, dentro do pensamento social, à própria ideia de autoctonia. Cadmo, um ser telúrico, acaba por miticamente fundar uma cidade e ali criar raízes e desenvolver uma autoctonia, da mesma forma que as plantas criam raízes no solo. Trabalharemos tanto com documentação textual quanto com imagens que representam o herói em sua faceta ctônica e, quem sabe, ao mesmo tempo autóctone.

PALAVRAS-CHAVE: Cadmo; Ctonismo; Autoctonia; Mito; Grécia Antiga.

ABSTRACT

This article aims at relating the question of autochthony (a Greeks question) with its religious imagery. For this a mythical narrative was chosen: the journey of the hero Cadmus, which reaches the Balkans and there founded a city: Thebes. To assist in the foundation, Cadmus sowed in the land autochthonous beings, also founding the Theban genealogy. Based on this myth, we intend to understand how the chthonism and the relation with the ground fuse, within the social thought, the very idea of autochthony. Cadmus, a terrestrial being, ends up mythically founding a city and there takes root and develops a autochthony in the same way that plants take root in the soil. We will work with both textual documentation as with images representing the hero in your chthonic aspect and, probably, native, at the same time.

KEYWORDS: Cadmus; Chthonism; Autochthony; Myth; Ancient Greece.

Introdução:

A questão da autoctonia dos Gregos, do zelo pelos “nascidos da terra”, pelos indivíduos com costumes helênicos e o ideal de cidadão já foram amplamente

*Doutor em História Antiga pela Universidade de Lisboa. Docente da Universidade Católica Dom Bosco-MS. Endereço: Av. Euler de Azevedo, nº865, São Francisco. CEP: 79118-000. Campo Grande-MS.

discutidos pela historiografia. Aqui, propomos uma abordagem alternativa de análise deste mesmo fenômeno: o da autoctonia – conceito que será definido mais a frente – associado ao ctonismo, ao elemento “terra”, presente no imaginário helênico. Para tanto, identificamos no mito do herói fundador de Tebas, Cadmo, a relação desta autoctonia aliada ao solo, a terra em si, em um viés ctônico².

A visão predominante é que Cadmo é filho de Agenor³ e Telefaassa⁴ e, conforme a informação que nos é concedida pelo *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, pai de cinco filhos, sendo quatro mulheres e um homem (TIVERIOS, 1990, p. 863). O mito de Cadmo, à semelhança do que ocorreu com o mito de Hércules, expandiu-se por todo o mundo mediterrâneo, pela Ásia Menor e pelo Norte da África (GRIMAL, 2000, p. 67), ganhando diversos elementos e versões distintas conforme o local aonde a tradição mítica se estabelecia. Neste trabalho abarcaremos o que foi produzido acerca da representação de Cadmo na Península Balcânica e região, do século VIII a.C. ao século V a.C., pois as narrativas míticas envolvendo este herói ganham uma projeção imensa, sobretudo a partir do século IV a.C. em diante.

O documento escrito mais antigo que cita Cadmo, que chegou até nossos dias, foi a *Iliada*. Elencamos dois passos que, embora não retratem a imagem de Cadmo de forma clara, muito é falado acerca de suas tradições míticas, além de citarem alguns de seus filhos. O primeiro passo, contido no Canto IV, trata de uma fala do rei Agamêmnon:

Depois que partiram e estavam já a caminho,
chegaram ao Asopo de fundos juncais reclinando a relva;
foi aí que os Aqueus mandaram Tideu numa missão:
e ele foi, encontrando muitos dos filhos de Cadmo
banqueteando-se em casa de Força de Etéocles.
Então, embora estrangeiro, não teve receio o cavaleiro Tideu,
apesar de só no meio de tantos filhos de Cadmo.
Desafiou-os para as contendas atléticas, e tudo ele ganhou
facilmente. Pois que o ajudava era a deusa Atena.
Mas encolerizaram-se os filhos de Cadmo, chicoteadores de cavalos,
e quando ele regressava armaram uma forte cilada (*Iliada*, v.382-392).

² Este conceito, de origem grega, refere-se a divindades que possuem associação com o solo, seja por meio do ambiente rural ou do mundo obscuro, abaixo da terra. Para uma discussão deste conceito ver: CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: histoire des mots*. 3ª edição. Paris: Klincksieck, 1999.

³ Filho de Líbia e Posidon, era rei da Síria. Foi o responsável pela viagem de Cadmo até este chegar a Tebas, pois Agenor manda seus filhos irem à procura da irmã Europa, que havia sido raptada por Zeus, transfigurado em touro.

⁴ Partiu com seus filhos quando sua filha Europa foi raptada; esgotada com a viagem, morre na Trácia e é sepultada por Cadmo.

Os filhos de Cadmo, que são atacados e vencidos por Tideu⁵, são provavelmente os guerreiros que o herói havia semeado. Embora não haja nenhuma evidência acerca da morte do dragão, ou da semeadura de seus dentes, os filhos de Cadmo serão batalhadores, e serão muitos, como é possível perceber desde as Epopeias Homéricas.

Do Canto V, consta a primeira associação de Cadmo com a cidade que fundaria: Tebas. Embora ainda não haja uma narrativa organizada acerca da chegada do herói à terra esperada, a morte do dragão e a semeadura de seus dentes, para que deles nasçam os guerreiros autóctones, e nem sequer Cadmo é referenciado, a deusa Atena narra mais uma vez a chegada de Tideu a Tebas e a luta contra os “mancebos dos Cádmiões”:

Pois mesmo quando eu o proibia de combater
e exibir a sua potência, quando privado de Aqueus
foi a Tebas, para o meio dos Cádmiões, como mensageiro:
ordenara-lhe eu que jantasse tranquilo no palácio;
mas ele com seu ânimo valente, como sempre fora,
desafiou os mancebos dos Cádmiões e facilmente
os venceu a todos, tão próxima estava eu da sua pessoa! (*Iliada*, v.
802-808).

A região de Tebas será a cidade em que Cadmo irá semear seus guerreiros e fundar uma pátria, se tornando o progenitor de toda a estirpe real tebana. Neste período homérico nada disto ainda estava claro, ao menos no que tange à documentação literária; mas já neste período Cadmo é associado à Tebas – que tudo indica ser uma cidade muito antiga – e seus guerreiros eram Tebanos autóctones que, embora nada se diga em relação a seu nascimento, habitavam a cidade.

Acerca da autoctonia, esta palavra já utilizada pelos Gregos – *autochthon* – apesar de ser um conceito elaborado somente na modernidade, Delfim Leão aponta que esta noção se firma na democracia ateniense deste século V a.C., como forma de fundamentar ideologicamente a supremacia moral da democracia e a hegemonia militar, política e econômica da *polis*, atingida ainda com a criação da Simaquia de Delos (LEÃO, 2012, p. 51). Este termo, que no final do século V a.C. irá designar os “nascidos da própria terra”, os que “brotam do solo”, terá em séculos anteriores – como

⁵ Filho de Eneu e Peribeia, foi um herói que participou da expedição dos Sete Chefes, que tinha por fim instalar Polinices no trono de Tebas, que se encontrava em poder de Cadmo e seus descendentes.

na época da escrita das Epopeias – o significado daqueles que não são invasores, que “habitaram sempre o mesmo solo” (LEÃO, 2012, p. 52).

No canto V da *Odisseia* há uma pequena citação ao herói Cadmo. Não é muito comum nos Poemas Homéricos a formação de genealogias, mas neste passo o aedo atesta uma das proles do herói: “Foi então que viu a filha de Cadmo, Ino de belos tornozelos –/chamava-se agora Leucótea quem antes fora de fala humana:” (*Odisseia*, v. 333-334). Ino, que durante todos os períodos será uma das filhas de Cadmo, fica com esta definição desde o período homérico, diferente de suas outras filhas, que passarão a ser referenciadas somente pela tragédia ática do período clássico. Ino, após ser deificada, passa a ser nomeada como Leucótea (GRIMAL, 2000, p. 68), da maneira que aparece citado na obra.

É na *Teogonia* de Hesíodo que se coloca Cadmo na genealogia de Dioniso e, embora em Homero já tenha sido citada uma genealogia, colocando o herói como pai de Ino, a *Teogonia* é a responsável por fundar a tradição mítica de Cadmo marido de Harmonia⁶, que renderá inclusive imagens nos artefatos de cerâmica:

Citeréia pariu Pavor e Temor terríveis
que tumultuam os densos renques de guerreiros
com Ares destrói-fortes no horrendo combate
e Harmonia que o soberbo Cadmo desposou (*Teogonia*, v. 934-937).

Assim como na *Iliada*, que já faz uma certa menção aos guerreiros semeados por Cadmo, na *Teogonia* também percebemos que os bravos guerreiros autóctones são referenciados. Embora ainda não haja uma associação com o solo, pois Hesíodo nada nos diz sobre a forma de nascimento destes combatentes, já percebemos que os guerreiros estão presentes na narrativa mítica de Cadmo.

O mito de Cadmo na tragédia e a questão da autoctonia

As Fenícias e *As Bacantes*, ambas de autoria de Eurípides, são as duas tragédias que chegaram até nossos dias que mais retratam Cadmo. Na primeira, é narrada a chegada do herói em solo autóctone e a fundação da cidade de Tebas. Em *As Bacantes*, Eurípides demonstra um Cadmo já idoso, que vê seu palácio e seu reino destruídos pelo

⁶ Filha de Afrodite com Hefesto ou com Ares, é a divindade da harmonia e a concórdia, antagônica da deusa Éris, a discórdia.

poder dionisiaco. Começamos com *As Fenícias*. Encenada por volta de 411 a. C., a peça narra a maldição que se abateu sobre família de Édipo.

Cadmo é o bisavô de Laio, pai de Édipo, e na peça percebemos a descrição, na fala do Coro, da chegada de Cadmo ao lugar que mais tarde seria Tebas:

Havendo o tírio Cadmo
nesta terra entrado,
em cumprimento do oráculo,
a quadrúpede novilha
no solo o corpo deitou não-domado,
onde, sobre as domésticas planuras
em que o trigo copioso cresce,
de acordo com a divina profecia,
devia uma colônia fundar.
Aí a líquida linfa
da bela corrente dirceia
irriga férteis, viridentes campos. (*As Fenícias*, v. 637-647).

Embora em Homero já fosse possível encontrar a autoctonia de Cadmo, é em Eurípides que possuímos a explicação mais pormenorizada, apesar de acreditarmos que o tragediógrafo elaborou uma releitura detalhada acerca de uma tradição que já era conhecida desde tempos homéricos.

Há a descrição do ritual que Cadmo realizou assim que chegou ao solo onde o oráculo o havia instruído de fundar uma cidade. Uma novilha é sacrificada; o sacrifício de um animal como a novilha, e do sangue que jorra e é libado a terra, que aqui é referida como a “em que o trigo copioso cresce”, é uma simbologia ctônica. O solo, além de estar ligado a questão ritualística, também associa a Cadmo pela própria autoctonia que este representa.

Continuando na fala do Coro, temos o passo mais importante para compreendermos o sentimento de autoctonia associada a Cadmo, bem como sua ligação com o aspecto telúrico. Após chegar ao local e realizar os ritos necessários, o herói fenício mata o dragão filho de Ares:

Lá estava o fero drago,
guardião de Ares inexorável;
c’o as pupilas de seu inquieto olhar,
vigiava a fonte de viçoso arroio.
Tendo ido em busca de água lustral,
com uma pedra, Cadmo a matou,
esmagando-lhe o crânio assassino,

atingido pela força do braço.
Por sugestão da deusa, sem mãe,
filha de Zeus, do monstro
os dentes semeou p'lo terreno,
em profundos sulcos,
donde nasceu uma parada de guerreiros armados
emergindo à superfície do solo.
Mas de novo o excídio
de férreas entranhas
na terra benfazeja
os mergulhou.
O sangue del's tingiu o mesmo chão
que, à luz do Sol,
e às etéreas brisas
os havia exposto (*As Fenícias*, v. 658-675).

Atena, que neste caso é a deusa sem mãe – pois é gerada dentro do crânio de Zeus – deu como sugestão a Cadmo, após este ter matado o dragão com uma pedra, que semeasse seus dentes dentro da terra: daí nasceram guerreiros autóctones, que tardiamente foram nomeados de *spartoi* – semeados.

A autoctonia, além do sentido de habitar a terra desde tempos longínquos que perdurou até o período homérico, neste período clássico já havia ganhado o sentido de ter nascido da terra. A autoctonia se transforma em uma analogia ao patamar cultural que a cidade de Atenas havia chegado; a autoctonia é uma qualidade positiva dos povos considerados “superiores”:

(...) a ideia de um povo ser o primeiro inventor (protos heurètes) das várias *technai*, de cultivar a terra e o grão (conquista inseparável do abandono do nomadismo), de ser capaz de levar a cabo feitos assinaláveis e de os registar para a posteridade — em suma de fazer tudo aquilo que distingue e marca um estágio civilizacional mais avançado (LEÃO, 2012, p. 52).

A questão da autoctonia, inclusive relacionada ao abandono do nomadismo – Cadmo, depois de viajar como nômade, se “sedentariza” no solo que seria Tebas – se configura como uma das sínteses do pensamento democrático ateniense: superioridade, hegemonia, avanço científico, artístico e filosófico e supremacia tanto em relação a suas colônias quanto às *poleis* oligárquicas que não vivem a democracia.

Este é o exemplo maior de associação de Cadmo a terra, com o sentimento ctônico. Embora o herói seja o fundador de uma cidade e também de uma linhagem real, auxiliado pela deusa Atena e valente e determinado guerreiro, também possuía

características ctônicas e afastadas de uma acepção *poliade*. Primeiramente pelo fato de ser bárbaro: Cadmo é um fenício que funda uma cidade em território da Península Balcânica. Tebas sempre foi associada ao Oriente, a começar pelo seu mito de fundação; Cadmo, avô de Dioniso, é bárbaro, assim como o deus também será considerado como barbarizado por parte da sociedade helênica.

Contudo, como um herói bárbaro, dentro de solo grego, povo que prezava a natureza autóctone de sua sociedade, integra um mito fundador de uma *polis* tão importante quanto Tebas? Conforme discute Bárbara Cassin, Nicole Loraux e Catharine Peschanski, são considerados bárbaros não aqueles que não nasceram em território grego, mas aqueles que não adeririam aos costumes helênicos (CASSIN; LOURAU; PESCHANSKI, 1993, p. 107). O barbarismo não é tratado pelo determinismo geográfico, mas sim pelos costumes culturais; o que tornava o indivíduo grego não era sua etnia e sim o seu conhecimento e sua aderência à cultura grega. No caso do fenício Cadmo a própria progenitura da realeza e a fundação de uma cidade em solo grego faz com que este se integre na sociedade helênica, diminuindo seu barbarismo, embora algumas destas facetas continuem com o herói até a velhice, como pode ser visto em *As Bacantes*. Cadmo não perde seus costumes bárbaros, mas se integra na sociedade *poliade*, como um rei, sendo considerado como parte do helenismo.

O outro aspecto é a sua ligação direta com o artifício “solo”. Cadmo é autóctone porque é fundador, mas também porque se relaciona e até cria seres da própria terra. A começar pelo dragão com o qual o herói luta: protetor das riquezas e tesouros é uma criatura que se identifica com as serpentes (OGDEN, 2013, p. 49), animais ctônicos. A autoctonia de Cadmo está também no solo, mas o seu feitio telúrico também, pois semeia: cultivava dentes de dragão para fazer com que nasçam seres guerreiros autóctones.

Sempre na fala do Coro, num estásimo, temos agora uma descrição da cidade de Tebas, após Cadmo tê-la fundado:

Tu pariste, ó Gaia, tu pariste um dia,
um dia, ao que soube, ao que soube p’la fama
de meu bárbaro país, a estirpe nata
dos dentes do fero drago, de rubra crista,
de Tebas a mui famosa afronta!
De Harmonia ao himeneu
os Urânidas outrora acorreram.
Foi co’a cítara que as muralhas de Tebas,

foi com a lira de Anfíon que as torres,
entre as correntes dos gêmeos rios,
foram erectas.
É lá que, frente ao Ismeno, Dirce irriga
a viridente planura.
Io, a corní'ra, materna ascendente,
os reis deu à luz dos Cadmeus.
E esta cidade, vendo uns após outros,
êxitos suceder-se às miríades,
das c'roas de Ares ao fastígio se guindou (*As Fenícias*, v. 817-832).

A estirpe nata, os guerreiros semeados por Cadmo, são referenciados como que paridos por Gaia. Não encontramos, em nenhuma referência genealógica das fontes que nos chegaram, descrição de que Gaia tenha parido os guerreiros de Tebas. Eurípides lança mão de uma alegoria – a deidade cosmogônica da Terra – para descrever o nascimento dos guerreiros saídos do solo. Mas Gaia é a representação de Terra como a morada dos seres humanos, e não a “terra firme”; Eurípides, inovador em seu estilo quando se trata de divindades, funde estas duas acepções da figura da deusa.

O último passo desta obra que iremos apresentar é um diálogo entre o adivinho cego Tirésias e Creonte. Tirésias, aconselhando o rei, relembra os feitos de Cadmo:

Compreensível é a tua pergunta e a questão em que queres entrar. Teu filho, força é que seja degolado e dê ao solo, como libação, seu rubro sangue, no antro em que o dragão gerado pela terra vigiava as águas dirceias. É uma imposição do velho ódio de Ares contra Cadmo, o qual procura vingar o assassinio do terrígeno dragão. Se tal fizerdes, tereis Ares por aliado. Se a terra receber o fruto pelo fruto, o sangue imortal pelo sangue, ao vosso dispor estará este chão que outrora fez brotar (*As Fenícias*, v. 930-939).

Mais uma vez a associação com o ctônismo é clara: o “terrígeno dragão”, ou seja, o dragão gerado da terra, a criatura do solo, foi morto pelo herói, que sofreu os castigos de seu pai Ares. A libação com o sangue, uma simbologia ctônica, é fulcral para que o chão, para que aquele solo, seja de Creonte: o sangue, jogado na terra, alimenta as deidades telúricas; desta forma o rei Creonte estaria assegurando sua posse.

A obra também euripidiana *As Bacantes* cita Cadmo diversas vezes. Neste texto, o outrora pujante herói que mata um dragão filho do próprio deus da guerra, que funda uma cidade e semeia guerreiros, é apresentado por Eurípides como um idoso e decrepito homem, praticamente sem responsabilidades pela cidade outrora fundada por

ele; o próprio neto Dioniso se refere a ele como velho. Nesta obra Cadmo, junto de Tirésias, é o velho progenitor da estirpe real tebana, que se traveste de mulher para cultuar Dioniso.

O velho rei de Tebas surge já no início da peça, na fala de Dioniso, quando este se apresenta e diz que está retornando à Tebas para introduzir seu culto no local onde sua família reina, e onde sua mãe Sêmele se encontra enterrada. O deus deixa claro que aquela é uma Cidade-estado pertencente a Cadmo:

Alçando frígios tímpanos, ó bárbaras,
invento de Mãe-Réia, meu próprio invento,
circundai a morada Basiléia,
ressoai – que o presencie a polis de Cadmo (*As Bacantes*, v. 58-61).

Embora a *polis* de Tebas seja governada, nesta tragédia, por Penteu, o avô Cadmo ainda é referenciado como o responsável por esta, corroborando com a tradição do mito fundador da cidade, que se funde à narrativa mítica de Dioniso, na qual coloca Cadmo como o fundador de Tebas.

Ainda no início da peça, o adivinho cego Tirésias vai até o palácio real convidar Cadmo a se incorporar nos ritos dionisíacos, e mais uma vez Cadmo é assentado como o fundador de Tebas, além de ser referido como um estrangeiro:

TIRÉSIAS
Quem monta guarda? Chame o Agenoreide
Cadmo! Saia fora do palácio. Vindo
de urbe sidônia, ergueu torres em Tebas (*As Bacantes*, v. 170-173)

Aqui Eurípides agrega um elemento diferente à origem de Cadmo, alterando a cidade de seu nascimento: coloca que o rei vem da cidade fenícia de Sídon, um importante conglomerado urbano citado desde Homero. Sabe-se, pelas diversas fontes, que certamente Cadmo era bárbaro e vindo do Oriente. Destarte, em *As Fenícias* Eurípides narra que Cadmo vem de Tiro, outra cidade da Fenícia. Esta confusão em relação à origem do herói incorre em algumas hipóteses: Eurípides por ter tirado esta informação de tradições narradas oralmente, nas quais não havia sido registradas anteriormente, ou mesmo ele funda esta tradição – o que não seria a primeira vez – por algum motivo que não é possível saber.

Durante quase toda a peça Cadmo sai de cena, sendo que Dioniso e Penteu dominam a narrativa. São nos versos finais que Cadmo aparecerá novamente, após Agave ter dilacerado o corpo de seu filho. O rei também é culpado pelo destino do neto, haja vista que aceita o culto de Dioniso, que culmina com a morte de Penteu: “Do reino, agora banem-me sem honra,/a Cadmo, magno: a raça dos tebanos/semeei; que bela seara eu colho agora” (*As Bacantes*, v. 1313-1315). Se em *As Fenícias* Eurípides demonstra as glórias de Cadmo e os momentos áureos do rei, em *As Bacantes* o dramaturgo narra o desfecho da fundação de Tebas, com uma tragédia eminente, a ruína da família e a ocupação da cidade por Dioniso. Embora Cadmo tenha semeado os Tebanos, seja a primeira linhagem deste povo, colhe destas sementes o infortúnio, a vergonha e a desilusão.

Já nos passos finais da peça, Cadmo relata o terror que se acometeu sobre sua família, devido ao fato de o rei Penteu não ter aceitado os ritos dionisíacos:

CADMO

Eis, filha, o horror do golpe que a nós todos atinge: a ti e a tuas irmãs e a mim, um velho miserável, entre os bárbaros, sem lar. A voz do oráculo me obriga a encabeçar confusa horda barbárica contra a Grécia. Eu, dragão-serpente, minha mulher conduzirei, Harmonia, serpe-dragão, direcionando lanças contra templos e tumbas gregas. Não terminam os meus males, e não recobrarei a paz, nem mesmo quando no Aqueronte (*As Bacantes*, v. 1352-1362).

O velho rei narra seu destino: lutar contra as *poleis* gregas – se assemelhando ao dragão que havia matado – como, talvez, uma forma de vingança aos moldes de Dioniso, embora este saiba que nem após a morte terá paz. Cadmo faz menção a sua esposa Harmonia e diz que, agora acometido pela tragédia, não mais terminarão seus males. O outrora pujante herói de *As Fenícias* termina como um frustrado e senil homem, vítima da fúria divina.

Cadmo na cerâmica grega

Elencamos dois artefatos em cerâmica que representam Cadmo. Na cultura material, o herói foi associado tanto a elementos de realeza quanto a aspectos ctônicos.

Na *hydria* ricamente confeccionada que apresentamos agora, tendo como autor o Pintor de Cadmo e como data 420/415 a.C., Cadmo já aparece com seu lado ctônico mais afluado. O herói está na extrema esquerda da imagem, barbudo e com uma coroa de flores – *stephanos*; tem um *petasos* pousado no pescoço, usa um *chiton* curto, um *himation* pequeno e botas. Tem entrelaçado no corpo o cinto em que guarda sua espada: esta já se encontra em sua mão direita. A frente dele está o dragão, com o corpo parcialmente enrolado. Entre os dois percebemos a figura de Atena – que auxilia Cadmo em sua chegada à terra esperada – que parece estar prestes a coroa-lo com o *stephanos*. Harmonia se encontra logo atrás dele.

Acima de Atena, voando, está a imagem de Nike, que também segura uma coroa; é o símbolo da vitória de Atena e Cadmo perante o dragão. Na parte inferior central da peça vemos Eros, que da mesma forma também empunha uma coroa. Temos, quem sabe, na parte de cima central, Deméter coroadada e abaixo sua filha Perséfone; a



Localização: Museu Nacional de Berlim, F 2634. Procedência: Vulci. Forma: *Hydria*. Data: 420/15 a.C.

direita de Deméter se vê uma figura que pode ser Ártemis, devido a seu cabelo preso, como se percebe nas representações da deusa, e de seu manto juvenil⁷. Também fazem parte do artefato, provavelmente, Apolo, Posídon e Hermes. O cervo alado que vemos na periferia da imagem, à direita na parte de baixo, se configura como um símbolo erótico (TIVERIOS, 1990, p. 867). Os cervos, comparados às árvores em diversas

⁷ Esta figura também poderia ser Hécate, devido às tochas que empunha, em um momento ctônico de guiar Perséfone pelo submundo.

culturas, são símbolos da fecundidade e, em algumas sociedades, seus cornos poderiam representar algo afrodisíaco (CHEVALIER, 1986, p. 289).

Também na parte de baixo foi pintada uma coluna em estilo dórico; esta coluna, quem sabe, poderia estar aí somente como uma prerrogativa do pintor para enfeitar a cena, ou ainda a pedido do comprador, caso esta seja uma *hydria* feita sob encomenda. Todavia, também pode estar associada a um certo sentimento de estrangeirismo, caro a Cadmo. É sabido que os Dórios eram Helenos, tal como os jônios e eólios. Entretanto, como colocado por Heródoto, que em sua obra *Histórias* se referia aos Dórios como *ethnos*, estes possuíam alguns costumes de vida e organizações sociais distintas (*Histórias*, VII, 73), assim como a região em que habitavam, norte e nordeste da Península Balcânica, ser um território muito influenciado por hábitos e tradições bárbaras. Sendo Cadmo um fenício, poderia ser que o Pintor de Cadmo estivesse associando uma região um pouco mais afastada de sua Ática para remeter ao barbarismo de Cadmo. No entanto esta é uma analogia muito difícil de ser comprovada.

Entretanto, a questão do pilar nesta imagem pode ser mais simples: somente um artifício utilizado pelo ceramista para denotar que a cena ocorria dentro de um lugar fechado, e por isso com pilastras. O pilar é um símbolo de cena interior, e neste caso poderia ser o interior de um templo, já que se trata de um momento cujo caráter é religioso. Como é difícil chegar a uma conclusão sobre este aspecto, apresentamos todos que seriam possíveis.

A cena mais uma vez aponta para uma duplicidade ctônica e olímpica, pois a presença tanto de divindades mais telúricas, como Deméter e Perséfone – que aqui está com um aspecto muito mais ligado a Cora – quanto de deidades uranianas, como Atena, Eros e Apolo, atestam para uma dicotomia indo-europeia de Cadmo. Entretanto, é perceptível a associação da cena com o elemento terra: o Pintor de Cadmo confeccionou diversos arbustos e pequenas árvores que parecem mesmo brotar do chão. Estas plantas que saem do solo e poderiam nos fazer lembrar os guerreiros autóctones semeados por Cadmo, apontam para um aspecto telúrico, remetendo para o elemento terra e para a ligação de Cadmo, e da cena em si, com o ctonismo e a autoctonia.

O último artefato apresentado que retrata Cadmo data de 420/400 a.C., confeccionada pelo Pintor de Cabiro, do qual não possuímos informações; se trata de um *skyphos*, que apresenta o momento da luta entre Cadmo e o dragão. A relação de Cadmo com o dragão e a fundação de Tebas será o tema mais apreciado pelos artistas que retratam este herói, muito mais do que seu casamento ou as cenas de realeza. Ao contrário das outras efigies, nesta Cadmo é por excelência ctônico e, em certos aspectos, até bestial.

O herói aparece barbudo, trajando *píleos* – um chapéu cônico – e *exomis*, espécie de uma túnica usada pelas infantarias leves. Mas o mais surpreendente é que a figura



Localização: Museu Nacional de Berlim, nº 3284. Procedência: Beócia. Forma: *Skyphos*. Data: 420/400 a.C.

está itifálica. Sabemos que, além de animais, os Sátiros e Sileno quase sempre eram representados itifálicos. Por que então um futuro rei, alguém que fundaria uma Cidade-estado e uma linhagem real, seria representado de forma tão associada a deidades mais bestializadas?

Uma das hipóteses é o próprio calor da luta. O dragão, que na Antiguidade se assemelhava a uma grande serpente – um arquétipo erotizado – poderia estar sendo ameaçado pelo falo do herói: dois símbolos eróticos em confronto. O falo de Cadmo está apontado para o dragão, como se o fato de o herói se encontrar itifálico seria uma forma de medir forças com esta criatura. A outra hipótese pode estar na própria sociedade patriarcal deste final de século V a.C. Cadmo é alguém de força, que sozinho funda uma cidade e se torna o primeiro rei. As figuras monárquicas – embora não mais cultuadas pelas ideias políticas deste período clássico – sempre serão fortes e viris; o falo ereto de Cadmo representaria a pujança masculina, assim como o poder dos governantes e homens do exército, indivíduos de batalhas.

O dragão, que durante toda a Antiguidade será representado semelhante a uma serpente, pois significariam praticamente a mesma coisa (OGDEN, 2013, p. 2), sai do meio de juncos e parece surpreender Cadmo, que levanta um chicote com a mão direita. Atrás do herói uma *situla* parece balançar como um pêndulo, abaixo desta há uma espécie de saco usado por pastores e, por cima de Cadmo, cresce uma parreira de uvas. Todos estes objetos são ctônicos: a *situla* e, principalmente, o saco de pastoreio são utilizados por pessoas do campo, indivíduos ruralizados, assim como deveria ser o local onde seria Tebas quando Cadmo chegou. A videira é praticamente autoexplicativa: este elemento dionisíaco na cena, além de remeter para uma certa bestialização, para uma bebedeira, também atesta o início da genealogia e da narrativa mítica do deus, pois é a partir de Cadmo e em Tebas, sua pátria, que Dioniso passa a existir e se tornar uma deidade barbarizada e popular.

Conclusão

Analisando o mito de Cadmo notamos a questão da autoctonia em todas as narrativas documentais que abordamos. Tanto na epopeia quanto na tragédia o herói é associado ao ctonismo pela questão da sementeira dos guerreiros e, por sua vez, a autoctonia, já que é desta terra, é neste solo, que irá fundar uma *polis* e toda uma linhagem real. Na cerâmica, percebemos como a relação com o solo é intrínseca ao mito do herói, pois a luta contra o dragão para fundar uma cidade nos remete a esta autoctonia cara aqueles heróis que se tornam progenitores de uma realza *pollade*.

A autoctonia, ideia tão intrínseca na sociedade grega, estando presente até no imaginário religioso, demonstra todo o apreço do Heleno com seus costumes cotidianos, com as tradições – sobretudo as de uma elite, quando se narra os feitos de um herói da realza – e com as acepções autóctones. Imprescindível compreendermos este caráter da sociedade se desejarmos entender as relações sociais dos povos Helênicos.

REFERÊNCIAS

Fontes:

EURÍPIDES. *As Bacantes/Bakxai*. Trad. Trajano Vieira, São Paulo, Perspectiva, 2003. [edição bilíngüe português – grego].

_____. *As Fenícias*. Trad. Manuel dos Santos Alves, Coimbra, Instituto de Alta Cultura-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.

HOMERO. *Iliada*. 2. ed. Trad. Frederico Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2005.

_____. *Odisseia*. 6. ed. Trad. Frederico Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2005.

HERÓDOTO. *Histórias*. Trad. Mario da Gama Kury, Brasília, Ed. UnB, 1985.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo, Iluminuras, 1995. [edição bilíngue português-grego]

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae, Vol. III: Atherion - Eros / Amor, Cupido. Zürich, München, Düsseldorf: Artemis & Winkler Verlag, 1986.

Bibliografia:

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: histoire des mots*. 3ª edição. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

LEÃO, Delfim. *A Globalização no Mundo Antigo: do polites ao kosmopolites*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

LORAUX, Nicole; CASSIN, Bárbara e PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros e estrangeiros*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1993.

OGDEN, Daniel. *Drakon: Dragon Myth & Serpent Cult in the Greek & Roman Worlds*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TIVERIOS, Michalis. “Cadmó”. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae, Vol. III: Atherion - Eros / Amor, Cupido*. Zürich, München, Düsseldorf: Artemis & Winkler Verlag, 1986.

Recebido em: 10/08/2015

Aprovado em: 25/11/2015